

Proibida a publicação no todo ou em parte;
permitida a citação. A citação deve ser textual,
com indicação de fonte conforme abaixo.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA DESTE CAPÍTULO:

LIMA, Octávio Julio Moreira. Depoimento. In: MILITARES e política na Nova República/ Organizadores Celso Castro e Maria Celina D'Araujo. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 2001. p. 67-76.

Informações sobre a entrevista:

http://www.cpdoc.fgv.br/historal/asp/idx_ho_ce_popce.asp?cd_ent=883

OCTÁVIO JÚLIO MOREIRA LIMA

NASCEU EM 1926, no Rio de Janeiro. Formou-se em 1945 pela Escola de Aeronáutica, hoje Academia da Força Aérea, onde permaneceu vários anos como instrutor de voo. Durante o governo João Goulart, serviu como instrutor da Escola de Comando e Estado-Maior da Aeronáutica, no Rio de Janeiro. Foi oficial-de-gabinete do ministro Eduardo Gomes em 1965/66. Em 1972, foi subchefe do gabinete do ministro Araripe Macedo, onde permaneceu um ano. Em seguida, foi delegado da Organização de Aviação Civil Internacional, em Montreal, voltando ao Brasil em 1975, quando foi promovido a brigadeiro. Permaneceu dois anos na função de chefe do Estado-Maior do Comando Geral do Ar, sendo depois designado comandante da V Força Aérea de Transporte Aéreo, no Campo dos Afonsos, onde ficou três anos. Em 1980, foi promovido a major-brigadeiro e designado para o Comando de Transporte Aéreo, onde permaneceu até 1982. Nesse ano foi promovido a tenente-brigadeiro e assumiu o Comando Geral de Apoio, que deixou em 1985, para assumir o Ministério da Aeronáutica. Após o final do governo Sarney, assumiu a presidência do Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica.

Depoimento concedido a Celso Castro e Maria Celina D'Araujo em três sessões realizadas no Rio de Janeiro entre 5 e 16 de março de 1998.

Vamos falar do final do governo Figueiredo, quando o sr. teve uma desavença com o ministro Délio.

O Délio era um homem muito cercado pelos amigos. Era um homem de bom coração, muito liberal, e tinha um perfil muito simpático, junto à força. Tive um bom relacionamento com ele até determinado ponto. Infelizmente, no fim da sua administração, tive uma discordância com ele, porque havia um grupo dentro das Forças Armadas que queria conduzir a sucessão do Figueiredo, querendo um sucessor arranjado. E nós, a metade do alto comando na Aeronáutica, não concordávamos com isso. Nós achávamos que tinha que haver isenção. Inclusive, éramos favoráveis a uma eleição direta. O que aconteceu foi que o brigadeiro Délio, como era um homem muito ligado ao general Figueiredo, se engajou demais na sucessão. Quando chegou no último ano da sua administração, nós começamos a discordar. Eu achava que tinha que haver uma abertura, que a revolução estava extenuada, que não havia mais o que fazer. Tínhamos que promover a redemocratização, o mais rápido possível. Isso era uma opinião dominante, dentro da Aeronáutica.

Havia pessoas do alto comando favoráveis às eleições diretas naquele ano?

Ninguém entrou em campanha, eram apenas opiniões. E houve, no final, uma situação desagradável, porque havia um grupo que começou, politicamente, a puxar a campanha do Maluf para dentro da Aeronáutica. E nós, que já tínhamos sofrido, no passado, um problema político que dividiu a Aeronáutica,¹⁹ discordávamos. Maluf era o candidato do ministro e do grupo que lhe era mais íntimo. Nós, a outra metade do alto comando, discordávamos.

Até que ocorreu o episódio do discurso que ele faria em Salvador no início de setembro de 1984. Ele reuniu o alto comando, disse que ia inaugurar o aeroporto de Salvador e nos deu o discurso. Metade do alto comando foi contra: “O sr. não pode fazer esse discurso. Primeiro, porque o Antônio Carlos Magalhães é o cacique absoluto de lá. O sr. vai entrar na toca do lobo”. Houve, então, uma situação desagradável no alto comando: quatro ficaram contra, e quatro, a favor do pronunciamento, uma discordância grave. Nós aconselhamos: “O sr. não faça isso; o sr. vai que-

¹⁹ Refere-se aos episódios ocorridos em novembro/dezembro de 1971, quando o ministro da Aeronáutica, Márcio de Sousa e Melo, deixou o cargo após graves acusações envolvendo a Aeronáutica em casos de tortura, como o de Stuart Edgar Angel Jones, morto na Base Aérea do Galeão. Em seguida, o comandante da III Zona Aérea, João Paulo Moreira Burnier, e o chefe do Cisa, Carlos Afonso Dellamora, ligados ao ministro Melo, também foram afastados de suas funções.

brar a cara”. Ele fez, e deu no que deu. Quando chegou no alto comando, de volta, disse: “Fui agredido...”

Inclusive, havia um discurso, que foi modificado, que era ainda pior. Nós dissemos: “Se o sr. fizer esse discurso, vai ser um Deus nos acuda”. Aí, ele amainou. Dissemos: “Se o sr. não quer falar bem do ACM, também não fale mal. Diga que aquilo [o aeroporto] foi uma obra que teve a participação dos governos federal e estadual etc. Não cite o nome dele e fale de uma obra administrativa”. Mas ele quis dar um tom político, digamos, uma espécie de advertência a esse grupo que estava apoiando o Tancredo e que tinha formado a Frente Liberal.

Consta que alguém pegou o discurso dele e deu para o Dornelles, que o passou para o ACM. Então, quando ele chegou à Bahia, o ACM já tinha lido, de véspera, o discurso e já tinha preparado a resposta.

Isso nós sabíamos. Não sabemos quem foi que passou. Não foi à toa que o Antônio Carlos deu a resposta na hora. E foi uma resposta meio acachapante. Délio foi tocar a onça com vara curta. O ACM é PhD em política. É, a meu ver, um dos políticos mais habilidosos que temos. É inteligente; não seja inimigo dele. Eu me dou com ele; não sou amigo, mas me dou com ele. E aprecio uma série de suas qualidades. Agora, não seja inimigo dele...

Isso criou uma situação muito desagradável no alto comando e chegou, naturalmente, ao conhecimento do Tancredo. E quando o Tancredo fez a escolha do ministro da Aeronáutica procurou um que tivesse uma linha mais cordata.

Esse apoio do ministro Délio ao Maluf estava articulado também com pessoal do Exército?

Não. Délio era amigo do Figueiredo, era ligado ao Maluf. E o brigadeiro Délio era, de todos os ministros militares, o mais político.

Nessa mesma época, prenderam dois sargentos do Centro de Informações do Exército, que estavam fazendo panfletagem e pichação contra Tancredo.

Houve uma tentativa de fazer a intriga de que o Tancredo estava com os comunistas. Mas Tancredo era carola, carregava andor. O Tancredo era um homem absolutamente íntegro.

O discurso do ministro era muito hostil à candidatura de Tancredo.

É, e falava dos traidores: o pessoal que tinha discordado do apoio ao Maluf — Sarney, que era presidente do PDS e renunciou, o Antônio Carlos

Magalhães etc., com quem tivemos muito contato. Eu tinha muita ligação com o Aureliano Chaves, que entrou em choque com o Figueiredo e era um dos articuladores desse grupo. Ele, depois, se apagou completamente, não sei o que houve. Mas foi uma figura muito importante na articulação da candidatura do Tancredo. Aquele discurso do ACM foi o *turning point* da campanha do Tancredo. Ali selou-se a sorte do Maluf. Até então, nenhum político tinha enfrentado um ministro militar.

Quando — essa parte é impressionante — houve a resposta, o brigadeiro Délio ficou um pouco desarvorado, porque o Antônio Carlos, inclusive, insinuou corrupção. Aí o brigadeiro Délio reuniu o alto comando: queria nosso respaldo em relação àquilo que ele tinha considerado uma agressão. Quando chegou no alto comando, nós dissemos: “Não, brigadeiro; o sr. foi alertado. Seus amigos é que o induziram a fazer uma coisa que o sr. não deveria jamais ter feito”.

Houve uma cisão...

Houve. Total. Eu gostava muito do brigadeiro Délio, era amigo dele, servi com ele muitas vezes, era um homem bom. Mas se envolveu politicamente, sem ter experiência. O militar não é educado para a política. Primeiro, o nosso código de ética é completamente diferente. Não somos melhores nem piores que ninguém, somos uma classe educada para uma determinada finalidade. Temos um código de ética rígido, o que não ocorre com o político. Não é que eles sejam aéticos. É que a ética deles é diferente. Eles, hoje, estão apoiando A, amanhã estão apoiando B, mudam de lado com a mesma cara. Isso faz parte da política. Já o militar, não. O militar é rígido, não tem o jogo de cintura que o político precisa ter. Então, quando o militar se mete na política, raros são aqueles que têm sucesso. O próprio brigadeiro Eduardo Gomes — sabe por que ele perdeu para o Dutra? Os padres foram a ele e disseram: “Nós queremos fechar o jogo, fechar os cassinos”. Foi uma das condições que eles impuseram para apoiá-lo. O brigadeiro se recusou — e olha que ele era um homem que ia à missa todo dia, era um tremendo carola. Eles foram então ao Dutra, e o Dutra aceitou. E foi eleito.

Além do sr., quem era contra as posições do ministro Délio?

O brigadeiro George Belham, que foi para o Superior Tribunal Militar, ainda na minha gestão; o brigadeiro Bertolino, que era o chefe do Estado-Maior; o brigadeiro Berenguer, que era comandante-geral do Ar. Do lado do ministro Délio, os outros quatro. Nós todos nos dávamos

bem. Tivemos discordância de uma linha política, ninguém era contra o brigadeiro Délio. Pelo contrário, gostávamos dele. Antes de ele morrer, ele disse: “Poxa, aqueles é que foram os meus verdadeiros amigos”. Ele reconheceu.

Essas pessoas que ficaram com o ministro Délio seguiram normalmente na carreira ou houve algum “gelo”?

A maioria, quase todos agiram por lealdade pessoal. Não que eles tivessem concordado. Foi uma questão de lealdade. Mas nós consideramos que, no caso, não se tratava de lealdade pessoal; tratava-se de uma lealdade à instituição. É o tal negócio: existe a lealdade canina e existe a lealdade consciente. A canina é aquele que sai atrás do dono e faz tudo que o dono mandar. E tem a lealdade consciente, em que se é leal até o ponto em que o líder está de acordo com o pensamento, a ética e os princípios da instituição. Essa é a verdadeira lealdade. Então, o verdadeiro homem leal é aquele que chega para você e diz: “Não faça isso, você está errado”. E o leal canino é o que diz: “Amém”. Essa é a grande diferença. Nós achamos que tínhamos sido leais ao brigadeiro Délio, porque quisemos impedir que acontecesse o que aconteceu. A partir daquele momento, o pessoal de oposição, do grupo do Tancredo, perdeu a cerimônia com os ministros militares. Porque os ministros militares eram tidos, mais ou menos, como bicho-papão, e o pessoal viu que não era bem assim.

O ministro Délio não ficou azedo com isso?

Ficou, até o final, meio azedo, mas nunca houve falta de respeito. Quando fui escolhido ministro, ele, naturalmente, não desejava que fosse eu, apesar de termos sido muito amigos. Ele tinha outro candidato, um companheiro muito decente, também, o Luís Felipe.

A imprensa noticiou, na época, que havia três candidatos: Deoclécio, Luís Felipe e o sr. Quem apoiava Deoclécio?

Éramos nós que apoiávamos o brigadeiro Deoclécio, que estava no STM. Desejávamos que ele fosse ministro porque era um homem muito decente. Agora está muito doente, muito mal, fui visitá-lo ontem.²⁰ O Deoclécio é um homem inteligente, tem um padrão do tipo do Fernando Henrique: culto, historiador, bom orador, é um homem bem mais antigo

²⁰ O brigadeiro Deoclécio morreu em 23-3-1998.

que nós e que nós sempre apreciamos. Era de interesse da corporação termos um nome que fosse de consenso. Os quatro que eu citei apoiavam firmemente o Deoclécio. Inclusive, o Tancredo sabia disso, porque nós tínhamos muito contato com o Aureliano. Mas o que aconteceu foi que o Tancredo fez outra escolha. A única vez em que eu falei com o Tancredo, pessoalmente, foi quando ele me convidou. Ele me explicou: “Brigadeiro, escolhi o seu nome, entre alguns que estavam disponíveis, porque não queria alguém que já estivesse como ministro do STM; queria alguém que viesse da tropa e tivesse comando”.

Que pessoas do grupo de Tancredo procuraram o seu grupo, na Aeronáutica, para conversar?

Antônio Carlos Magalhães, Sarney, Marco Maciel, Íris Rezende, Hélio Garcia... O único que não tinha tido contato era o Tancredo.

O Maluf também os procurou ou mandou emissários?

Não, porque ele sabia que quem o apoiava era o grupo que estava com o brigadeiro Délio. Como ministro, fui até ao casamento da filha dele. O Maluf me convidou e fez questão de sentar à minha mesa. Ele é um homem cativante, muito inteligente, educadíssimo, uma conversa agradável. Eu nunca fui contra o Maluf, não participei da sucessão, estávamos fora disso.

Esse grupo com quem o sr. e o brigadeiro Deoclécio conversavam tinha alguma preocupação em relação à área militar como um todo?

Havia a preocupação de que alguns, talvez mais radicais, quisessem tumultuar. Inclusive, quando o Tancredo morreu, ficou uma situação muito delicada, e o general Leonidas teve uma atuação muito boa. Foi ele e o Ulysses que definiram a sucessão, definiram que o Sarney tinha que tomar posse. Porque havia um grupo que queria tumultuar, “passar uma borracha”.

Passar a borracha seria fazer outra eleição?

É, fazer outra eleição, uma coisa desse tipo. O Figueiredo não queria isso, queria entregar o governo. Estava louco para sair.

O sr. acha que o ministro Délio chegou a simpatizar com a possibilidade de prorrogação do mandato do Figueiredo?

Ele era muito amigo do Figueiredo, mas o próprio Figueiredo não queria continuar. Depois que fez aquelas operações cardíacas, ficou com-

pletamente incapacitado. Tanto que ele disse aquela frase: “Quero que me esqueçam”. E saiu do governo pela porta dos fundos. Ele ficou com raiva do Sarney, achou que ele o traiu. Eles não traíram. Aquele grupo que apoiou o Tancredo não morria de amores pelo Tancredo, mas o apoiou porque achava que não havia mais condições de continuar aquela situação. E o Maluf representava uma espécie de continuísmo.

Um assunto que causou tensão foi o das fotos trocadas, noticiado pela revista Veja.

Esse é uma beleza! Nisso faço *mea culpa*. Foi uma coisa absolutamente sem a menor significação, mas que foi explorada. Eu já tinha sido indicado ministro, estava na sala com os meus companheiros, o brigadeiro Belhan, que depois foi para o STM, o chefe do Estado-Maior, o brigadeiro Murilo, que depois foi meu chefe de gabinete, meus oficiais-de-gabinete, meus assessores. Em suma, a sala estava cheia. E tinha um camarada, um fotógrafo da *Veja*, que já estava há horas me esperando, queria me fotografar. Eu estava tirando medidas no alfaiate para fazer uma farda nova para a posse, e ele queria porque queria entrar na sala — naturalmente, para me fotografar de cuecas, como fizeram com o deputado Barreto Pinto, que foi cassado. Eu disse “negativo”, em hipótese alguma. Ele falou, então, com meu assessor: “Essas fotos vão ficar no arquivo da *Veja*; toda vez que o ministro der entrevista, houver algum problema, publica aquela fotografia”. Conversa de fotógrafo. A fotografia que geralmente publicavam era uma em que eu estava com cara meio de raiva. É sempre a pior que eles publicam.

Lá pelas tantas, o meu ajudante-de-ordens disse: “Brigadeiro, o fotógrafo está aí há não sei quantas horas, atrás de uma fotografia”. Mandei entrar. A situação era a seguinte: eu estava sentado e, atrás da minha mesa, havia as fotografias do Figueiredo e do Délio; na parede ao lado, havia a do Santos Dumont e do Salgado Filho. Aí ele tirou a minha fotografia sentado, em pé, aquele negócio de fotógrafo. Lá pelas tantas, alguém disse: “Moreira, você só está tirando fotografia com o fundo do Délio e Figueiredo; agora tira uma com o fundo do Salgado Filho e Santos Dumont”. Eu disse: “Boa idéia”. Chamei o meu ajudante-de-ordens: “Vamos trocar as fotografias”. E quando eu estava virado, mudando os dois quadros, o fotógrafo foi tirando fotos. Nem percebi. Ingenuidade, não é? Eu não tinha maldade. Depois que terminou, botei novamente as fotografias no lugar. Não deu outra: logo em seguida, saiu que eu tinha pegado as fotografias e jogado no lixo, um horror! Aí, entrou a maldade. Aquilo

ali era a coisa mais imbecil que podia ter acontecido. Ia passar pela minha cabeça tirar fotografias, hostilizar o ministro?

Aí, entrou o grupo que não queria que eu fosse ministro. Compraram centenas de revistas e espalharam no ministério. E foram até o Tancredo, dizendo que eu não tinha condições, e não sei mais o quê. Quando vi que a repercussão tinha sido realmente desagradável — diziam até que o Délio ia me prender —, lá de casa mesmo liguei para o Tancredo: “Presidente, houve uma situação muito desagradável, aconteceu isso, e eu não quero causar transtorno ao sr. Eu queria declinar do convite para o cargo de ministro”. “Brigadeiro, de maneira nenhuma. Estão fazendo campanha não é contra o sr., é contra mim. Querem desmoralizar a mim, e não ao sr. Eu o escolhi ministro, o sr. vai ser meu ministro da Aeronáutica”.

Em relação a esse episódio das fotos, o sr. falou com o ministro Délio?

Falei, inclusive escrevi, não uma justificativa, mas uma explicação do que tinha ocorrido. Eu dizia, na pequena carta, que, de forma nenhuma, eu tinha tido a menor intenção de adotar uma atitude hostil, porque seria uma coisa mesquinha. Ele aceitou, a contragosto. Não queria que eu fosse ministro.

Quando ele lhe transmitiu o ministério, ocorreu algum problema?

Constrangimento houve, mas não houve nenhuma hostilidade.

Como foi o convite de Tancredo para o sr. ser ministro?

Eu tinha ido a Brasília, estava hospedado na casa do brigadeiro Deoclécio. Nós tínhamos tido uma reunião, no Palácio Jaburu, com o vice-presidente Aureliano Chaves. Estavam o Marco Maciel e mais uma meia dúzia de pessoas. Estávamos discutindo problemas do ministério, porque já tinham sido escolhidos os ministros da Marinha e do Exército. O brigadeiro Deoclécio falou com o Aureliano que achava que deveria fazer a escolha o mais rápido possível, para evitar especulação. Aureliano ligou para o Tancredo na nossa frente, que respondeu: “Dentro de 24 horas, vou escolher”. Saí, fui para a casa do brigadeiro Deoclécio, dormi lá. No dia seguinte, de manhã, ia voltar para o Rio. Tinha acabado de tomar café, ia para o aeroporto, recebo um telefonema do secretário do Tancredo pedindo que eu fosse ao palácio em que ele estava hospedado para falar com ele. Fui lá e ele me convidou.

Conversamos sobre as linhas mestras etc. Ele era um homem muito equilibrado, disse: “A minha preocupação é a de que, no meu governo,

não deverá haver vinditas. Vai ser um governo em que vou procurar conciliar. Conciliação nacional. Vou procurar acabar com essas vinditas que estão ocorrendo agora. Agora parece que todo mundo foi atingido pela revolução. Tem gente que nem era nascida, mas está sendo aposentada por ter sido atingida pelo Ato Institucional”. Era um homem de altíssimo nível. E disse ainda: “Eu não quero, na minha administração, nenhuma perseguição, quero esquecer o passado e partir daqui para uma democracia”. Era um homem idealista, não tinha o menor ressentimento de nada. Ele queria, apenas, levar o país para um processo de pacificação nacional. Um homem que, realmente, me impressionou.

A grande preocupação dos ministros militares durante o primeiro governo civil era a de que não houvesse revanchismo?

Ah, era. Revanchismo dos políticos. Como houve depois. Agora, mais recentemente, a gente ainda sente a preocupação de revanchismo. Inclusive, eleger Lamarca como herói nacional. Tudo isso é revanchismo.

E como foi o seu relacionamento com o presidente Sarney?

Sarney era um homem muito identificado conosco. Não tenho a mínima queixa dos cinco anos que passei como ministro, sempre fui atendido com a maior delicadeza, gentileza. Sarney tinha irrestrita confiança nos seus ministros militares. Eu levava os decretos para ele, ele mal lia e assinava, tal o grau de confiança que tinha em todos nós. Não tenho a mínima queixa. Geralmente, problemas que você leva para o presidente são aqueles que você não consegue resolver, são problemas complexos. Sempre tivemos apoio dele. Basta dizer o seguinte: passei cinco anos, nunca houve uma prontidão, na Aeronáutica, nunca houve indisciplina, nada. Tive uma gestão maravilhosa, sob o aspecto disciplinar. A tropa, impecável. Os únicos problemas que poderia citar foram na aviação civil, quando fiz a intervenção na Nordeste e na Transbrasil.

O sr. teve uma atuação muito grande na Constituinte, em várias questões: na questão do controle da aviação civil, da Justiça Militar...

A fase da Constituinte, da qual, naturalmente, tivemos oportunidade de participar — inclusive através de contatos com os parlamentares, com as lideranças no Congresso —, de um modo geral, foi muito positiva. Sempre encontramos por parte dos parlamentares uma receptividade muito grande para com os pontos que defendíamos. Havia pontos controversos. Inclusive, havia determinados grupos que procuraram reduzir

a importância do papel das Forças Armadas dentro da sociedade brasileira. Isso era perfeitamente natural. Nos pontos mais polêmicos, tivemos a necessidade de ter uma atuação junto às lideranças, principalmente junto ao relator, o deputado Bernardo Cabral, e ao presidente, deputado Ulysses Guimarães, para defendermos nossos pontos de vista.

Desses pontos, um dos mais importantes era justamente o problema da aviação civil. Havia um grupo parlamentar que procurava, através de uma inclusão na Constituição, tirar a aviação civil do âmbito do Ministério da Aeronáutica. Isso nos deu bastante trabalho. Houve, então, essa necessidade de mantermos uma permanente atuação junto às lideranças, a fim de que não se concretizasse a pretensão de alguns elementos, principalmente da oposição, que procuravam, através da influência do Sindicato dos Aeronautas, influir junto aos parlamentares, a fim de retirar o DAC do âmbito do Ministério da Aeronáutica. A última votação que houve na Constituinte foi a do DAC, e nós ganhamos, pela atuação não só do deputado Ulysses Guimarães, como do deputado Bernardo Cabral, que tiveram uma ação muito forte, muito importante, para impedir que a aviação civil saísse do âmbito do Ministério da Aeronáutica. Mas a votação foi difícil, foi apertada, não foi muito tranqüila.

O sr. foi consultado por Collor para indicar seu sucessor no ministério?

Sim. Bem antes da eleição, fui convidado pelo Collor para ter um encontro com ele. Se o Lula tivesse me convidado, eu conversaria com ele, mas ele não me convidou. Mas o Collor me convidou, e eu fui lá. Nos reunimos em uma residência em Brasília, e ele manifestou simpatia pela Aeronáutica. Isso ele fez também com a Marinha e com o Exército, não só comigo. Disse que não conhecia ninguém da Aeronáutica e que, caso vencesse a eleição, me consultaria. Foi o que fez. Venceu a eleição, me convidou para um encontro e pediu que eu indicasse três nomes. Levei toda a relação do alto comando com fotografia, *curriculum vitae*, tudo direitinho. Aí ele me falou: “Eu queria me fixar em três nomes, mais operacionais, que estivessem na força”. Ele não queria um do Superior Tribunal Militar. Indiquei três nomes, entre eles o do brigadeiro Sócrates, que ele escolheu. O Sócrates tinha um fator mais favorável: quando serviu em Washington, como adido, estava lá na embaixada o Marcos Coimbra, que é cunhado do Collor. Então, naturalmente, isso — além da minha indicação — pesou, e o Sócrates assumiu. Era meu amigo. Aliás, todos do alto comando eram meus amigos, fui instrutor de todos: Sócrates, Lôbo, Gandra...